

3.

Pegadas na história do contador de histórias

Cotovelos fincados nos joelhos, as mãos apoiando o rosto, olhos atentos, respirações suspensas, pelos longos serões do inverno, pelas noites de estio, junto à lareira rica ou ao lume pobre (...) No círculo de ouvintes imobilizados pela narrativa de reis, de príncipes, de bruxas, de animais fabulosos, de grutas misteriosas, se transfundia no espírito das novas gerações, o espírito das velhas idades. Até que o sono vencesse o interesse de ouvir, se estendia o convívio das crianças e dos Contadores de Histórias (Antônio D'ávila, 1964: 55).

Tão antiga quanto a arte de narrar é a história deste sujeito que tem percorrido a história levando em sua bagagem fragmentos embalados através do tempo e do espaço, cuja importância pode ser percebida nas palavras de Chaves (1952 apud TAHAN, 1966).

Passando o homem do estado bárbaro para a vida organizada, o contador de histórias, o pajé, que tinha, só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser o depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos. Daí, tornar-se ele o preceptor, o sábio, o mago que definia os mistérios da ciência rudimentar que possuíam, e que lhes ministravam os oráculos dos deuses, explicativos dos fenômenos naturais que as embeveciam, tais como o movimento dos astros, as alterações atmosféricas, as fantásticas mudanças de nuvens, e as combinações cromáticas do firmamento. Assim se originaram as primeiras lendas, mitos, as tradições folclóricas, as fábulas e as alegorias, que são as formas mais antigas de histórias (CHAVES, 1952: 22 apud TAHAN, 1966: 17).

A prática da contação de histórias teve grande importância num período histórico que antecede a passagem para a modernidade, como ressalta Eliana Yunes (2001), que, talvez, na tentativa de propor um retorno a essa prática afirma:

Daí ser ao menos de bom senso, voltar às rodas, a meio do caminho da modernidade. Antes, os homens costumavam se reunir para cantar, dançar, cirandar, ouvir prédicas, casos de viajantes, que traziam notícias do mundo de longe e de fora e pouco a pouco, alteravam as relações fechadas dos grupos ou clãs. Os círculos de leitura revelam-se eficazes para estimular de novo o prazer de ler. A imagem tendória da tábua redonda simboliza esta circulação de idéias, a debater as tencionalidades, a fazer opções como as que realizamos na troca, a partir da confiança que nasce no apurar de intuição bruta de cada um e da solidariedade no conjunto pelo respeito à diferença, (...). Ler em círculo é uma estratégia, para não se conformar em 'andar em círculo', nem significa prender-se aos limites do círculo, mas abrir-se ao diálogo. (Yunes, 2001: 96-97)

Walter Benjamin (1994), também ressalta a importância deste sujeito ao longo da história e, ao discorrer sobre os diversos narradores anônimos existentes até a Idade Média, nos alerta para dois tipos fundamentais, assim representados: o

camponês sedentário (que resguardava as histórias locais) e o marinheiro comerciante ou nômade (que traziam histórias de outras terras) e eram os marinheiros mercantes, os trovadores errantes e os menestréis. O teórico afirma que “A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levamos em conta a interpretação desses dois tipos arcaicos” (BENJAMIN, 1994: 199). Contudo, ele nos fala também sobre o aparecimento do mestre sedentário, corporificado nos artesãos e que havia sido um aprendiz ambulante antes de se fixar na terra de origem ou no estrangeiro e trabalhava junto, na mesma oficina, com os aprendizes migrantes. A partir destas considerações, Benjamin conclui:

Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1994: 199).

Os efeitos podem ser registrados na comunidade que se interessa pelos estudos literários e linguísticos, pois, independente de como os classificarmos, sabemos que os contadores foram e continuam sendo fortalecedores da língua ao propagarem histórias diversas.

A história nos remonta a contadores em vários povos e culturas, dentre os índios, por exemplo, o pajé; também dentre os negros escravos, “a história como defesa de suas raízes, era uma maneira de não se entregar”. (SISTO, 2005: 55). Quem não lembra das escravas e das amas de leite ao embalarem sonhos com histórias guardadas na memória e aprendidas de ouvido?

Desta a forma, o contador de histórias, ao longo do tempo, colaborou para a iniciação da formação “leitora” primeiro, de mundo, depois da escrita. Para ele, partilhar é condição primeira, seja qual for a estratégia que escolher na sua prática: só voz, com ou sem cenários, com ou sem adereços, com ou sem figurino, no palco ou fora dele, etc.

Lobato também parecia saber da importância deste sujeito, pois fez com que Dona Benta recebesse do também contador de histórias, Lobato, o ofício, que tão bem desempenhou naquele ambiente, mais que espaço, intitulado Sítio do Picapau Amarelo. E transtemporal, como o é a própria arte, sobrevive ainda hoje, a cada leitura.

Era uma vez...

Era uma, eram duas, eram tantas e quantas vezes que o “Banquete” fora servido e partilhado através da multiplicidade de vozes... José Bento dava o tom, e talvez não coincidentemente, uma “tal” Dona Benta entoava o contar, mediando o encontro. E a eles, cada um se unia e assim comungavam numa perfeita harmonia, os moradores do Sítio e os “vizinhos” espalhados por todo o Brasil e pelo exterior. Era começada a história...

Dando vozes a personagens variados, com distintas qualidades e defeitos - porque todos, mesmo aqueles feitos de matérias outras que não carne e osso, mesmo o sabugo, mesmo a boneca de pano, o porco, o burro, traziam consigo a carga de humanidade necessária para que pudéssemos nos espelhar: Lobato cria personagens solidários que comungarão a festa de inúmeras vivências. E através da sua própria voz como narrador, (vide em “Conferências, Artigos e Crônicas”) (1959), ou então através dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, focaremos, em especial, “Os Serões”, publicado em 1962, Monteiro Lobato valeu-se da sabedoria dos contadores de histórias, homenageou-os, oportunizando o partilhar desta sabedoria nas vozes de Tia Nastácia, Tio Barnabé, Visconde de Sabugosa. Mas, sobretudo, fazendo de Dona Benta a contadora oficial das muitas histórias que tanto encantaram e educaram, dialogaram, e até hoje, nos convidam a nos sentar, quer na varanda do Sítio, quer na sala de nossas casas ou de nossos apartamentos, ou ainda nas salas de aula, para ouvirmos mais uma vez as histórias de ontem, de hoje e de sempre. Ofertava assim, o “banquete” de sabores/saberes, através de uma linguagem clara. Porque o escritor, contrapondo às tradições europeias que possuíam uma visão conservadora da infância, deu novas feições à literatura para crianças, ao ouvir seus filhos, recontando aos amigos as histórias contadas pela mãe. Preocupou-se então, em adaptar os enredos, empenhando-se em criar uma literatura infantil brasileira, projeto autêntico e ousado. Lobato antecipou, na prática, a posterior máxima de uma pesquisadora Afonsina Ferreira Matos de que:

O conhecimento não tem que estar dissociado da saúde da linguagem, ao contrário, arrancar a linguagem da sua banalização é restaurador, pode até provocar auroras... o conhecimento não tem que estar vinculado ao discurso argumentativo e convencer pode ser infrutífero, já disse Benjamin. Se ele (o conhecimento) se mostrar na forma de apresentação das idéias, poderá manter a contemplação, a sedução, o desejo de continuar conversando e exercitando a inteligibilidade não concludente das coisas... (Matos, Afonsina Ferreira, 2001: 12 e 13).

Através da sua obra, nosso autor também valorizou diversos tipos de “saberes”: os passados de geração a geração através da oralidade, os transcritos nos livros. Generoso e consciente, Lobato não deixou de fora as vivências empíricas, sobretudo dos menos letrados, como podemos perceber em algumas passagens.

O ofício de contar é bastante antigo, mas nos parece que há, na atualidade, um novo “tipo” de contador. Vejamos esta consideração de Regina Machado

É um fato inegável e curioso, não só no Brasil, mas também em outras partes do mundo. Se por um lado os velhos contadores tradicionais estão desaparecendo, porque nas comunidades rurais a televisão ocupa implacavelmente seu lugar, nos grandes centros urbanos a quantidade de gente que se dedica a essa arte está crescendo (MACHADO, 2004:14).

Há algumas características que podem ser observadas no que chamamos de “novo contador”. Além da diversificação do espaço (pois as histórias antes partilhadas na casa ou na extensão desta, hoje ganham terreno nas escolas, em teatros, em hospitais, em bibliotecas, em livrarias, enfim), parece também haver uma considerável mudança no que Zumthor chamou de “performance”. Estas mudanças podem ser elucidadas nas palavras de Celso Sisto:

O contador, informal e tradicional, levantou o corpo, pôs-se de pé, foi para o centro da audiência e começou a usar o corpo inteiro para contar, modulou a sua voz para criar toda espécie de clima necessário a melhor recepção da história; passou a preocupar-se com a sua dicção e linguagem; aprendeu a sugerir com os gestos os elementos constituintes da ação, da construção de personagens e cenários; exercitou o controle da emoção e a sua necessária dosagem; entregou-se a platéias mais numerosas que a familiar ou de sala de aula; desafiou os aparatos da informação rápida e digestiva do nosso final de século. Enfim, conquistou a noção técnica e o status de artista (SISTO, 2005: 57)

Além disso, o “novo contador” possui como suporte o texto escrito, geralmente o livro. Isto o difere do “contador tradicional”, que, na maioria das vezes, aprendia as histórias “de ouvido” e as mantinha apenas na lembrança até repassá-las em forma de contação.

Contudo, apesar destas adequações, algo ainda permanece como antes e este “algo” é revelado por Gláucia Aparecida Batista (2007):

Contar histórias é uma atividade tão antiga quanto a humanidade e se, atualmente, no mundo das tecnologias, as narrativas ganharam outras formas, assim como o entretenimento e as formas de transmitir valores são cada vez mais mediadas pelos novos meios tecnológicos, isso não significa que as pessoas não gostem mais de ouvir uma boa história simplesmente contada com os mesmos recursos de milênios atrás, ou seja, os recursos próprios da voz e da presença humana (BATISTA, 2007: 14).

Verifica-se nos personagens de Lobato, duas maneiras de partilha do texto – na forma de contação advinda da oralidade ou através do texto lido. Isso demonstra o quão generosa e plural é a valorização do dito. O autor através das vozes de seus personagens não assume uma postura excludente, mas antes valoriza tanto os saberes (conteúdo) quanto a forma. Com isso, mais uma vez, pode-se verificar sua qualidade de homem visionário, pois, ao que nos parece, ele anteviu uma característica de contadores da atualidade que tiveram de adaptar-se às mudanças de seu tempo.

[...] nenhum texto contado substitui o texto escrito, já que ele é inesgotável. O que pretendemos, na verdade, é que o ouvinte, em algum momento da sua vida, volte a se encontrar com aquele texto, em sua forma escrita e, quem sabe, recupere a emoção uma vez sentida, para ampliá-la! (SISTO, 2005: 52-53).

Por vezes, Lobato (através da ficção) traz a literatura para dentro da literatura, o livro para dentro do livro e, conseqüentemente, a fantasia atravessa e é atravessada pela fantasia. Há uma sobreposição, superposição ou uma interação entre elas. Lobato valoriza o oral e o escrito, na medida em que dá voz e vez a ambas as formas de contar. Vejamos um trecho em que este fato pode ser percebido. O contexto é: a viagem de faz-de-conta (num navio inventado) que sai para explorar a Geografia do mundo. Chegam à China. E lá, os personagens se deparam com Macau que “é uma ponta de terra que os portugueses “arrendaram” da China há muito tempo, em 1557(...)” (Lobato, 1957: 175). Chegaram, depararam-se com um portuguesinho e Dona Benta...

Dona Benta indagou do lugar em que morou o poeta Luís de Camões quando esteve exilado em Macau por causa duns namoros lá em Lisboa. Contaram-lhe que era ao norte da cidade, num sítio deserto, onde há uma gruta. Lá ficava o poeta chorando as mágoas e escrevendo os versos imortais de Os Lusíadas. Foram visitar a gruta. (LOBATO, 1957: 175).

Como já foi visto, o próprio Lobato chegou a comparar-se a Andersen, mas a partir do que nos diz Nelly Coelho (2003: 65) pode-se observar uma outra característica que também os aproxima: ambos os contadores preocuparam-se em registrar as histórias e, ao escrevê-las, buscaram assegurar que não se perdessem no tempo, deixando-nos uma grande herança. Observemos a análise da teórica a respeito de Andersen:

A crer em sua biografia, Hans Christian Andersen era um grande contador de histórias; amava inventá-las para as crianças com quem convivia, e depois as escrevia [...].

Tivesse ele se limitado a apenas contar tais histórias ao seu pequeno auditório fascinado e o mundo não teria conhecido a grande literatura infantil por ele criada e, hoje, universalmente celebrada (COELHO, 2003: 65).

Decerto que estes autores não foram os únicos no Ocidente a buscarem, assegurar, de certa maneira, a permanência das histórias através dos tempos, pois, na ausência de um narrador, elas estariam “seguras”. Podemos citar, por exemplo, Charles Perrault e os Irmãos Grimm. Dessa forma, a escrita só confirma o que durante muito tempo foi resguardado pela memória dos muitos contadores cujos relatos originariamente eram orais e somente mais tarde foram transpostos à forma escrita.

Assim, o amante da contação e também contador de histórias, em uma grande, talvez a maior, homenagem aos contadores de histórias através da arte, deu voz à Benta - a contadora oficial do Sítio do Picapau Amarelo e também a outros personagens que contaram e nos encantaram.

Com isso, nosso autor fez da prática contadora um hábito e, com isso, valorizou-a de um modo especial, como parte das experiências que formam um sujeito.

Vejamos um trecho em que se percebem claramente, as pegadas de diversos contadores (os anônimos, os famosos, os de papel), na homenagem que faz Lobato. Este também contador de histórias que soube, através do seu maior legado, a arte, valorizar um grande contador, de quem também “bebeu na fonte”: Andersen. E através deste contador, rende homenagem a tantos outros que, como ele, valorizaram, acreditaram e construíram um percurso na arte de contar. Este reconhecimento se dá através das personagens crianças numa das visitas descritas em “Geografia de Dona Benta” (1957):

E a Dinamarca tem ainda um mérito: é a pátria de Andersen, os meninos bateram palmas. Sabiam de cor todos os contos do famoso contador de histórias.

- Vamos, vamos lá, vovó! Nem que seja por um instantinho. Vamos botar um ramo de flor no túmulo de Andersen...

E Dona Benta foi obrigada a chegar até Copenhague, a encantadora capital daquele país privilegiado, para uma visita ao túmulo de Hans Christian Andersen, o contador de histórias falecido já há tantos anos.

Narizinho depôs sobre a lájea um buquêzinho de violetas. Pedrinho escreveu o seu próprio nome, a lápis. O Visconde fez uma cerimoniosa reverência – e Emília... Emília disse uma das suas asneirinhas... (Lobato, 1957: 261)

Começamos por ela – a eterna narradora oficial do Sítio a falar mais de perto sobre algumas características dos diversos narradores que compõem a obra

lobatiana. Tanto os que fixaram morada neste universo, compondo a unidade da obra, quanto os que por lá passaram, ocasionalmente, pois Lobato sabia que “quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos ‘diálogos’ de Platão, mas quem sofre na influência a ‘ravage’ dos livros instrutivos e cívicos, não chega lá nunca. Não adquire o amor pela leitura.” (LOBATO, 1959: 254). Por isso formou leitores, valorizando as histórias e os seus contadores.

3.1.

Dona Benta

Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao seu colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas - Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem (LOBATO, 1960: 3).

Dona Benta Encerrabodes de Oliveira ou simplesmente Dona Benta é a contadora oficial do Sítio do Picapau Amarelo. Quem afirmou isso foi Lobato. Hoje parece haver concordância entre os estudiosos da obra lobatiana. A personagem surge em “Reinações de Narizinho” como a avó de Lúcia, também conhecida como Narizinho, ou “a menina do nariz arrebitado” e de Pedrinho, morador da cidade e visitante do Sítio, nas férias escolares.

Arriscamos dizer que ele – o Bento – encontrou nela – Benta, uma maneira de dar continuidade ao seu próprio ofício de contador. Com isso, D. Benta se tornou a nossa maior contadora. Ofício que desempenhou sabiamente, pois é principalmente ela quem une o mundo dito real com o imaginário através da arte de contar histórias. É dela o Sítio que abrigará grandes aventuras. Benta é possuidora de uma grande biblioteca e, parece dela ter-se utilizado, pois, revela um vasto conhecimento aprendido através de suas leituras. Apesar disso, é ela quem irá, de certa forma, neutralizar as ações eruditas do Visconde de Sabugosa, clareando as suas idéias e, com isso, mediando o conhecimento que por vezes se torna “complicado”. Na maioria das vezes, ela o faz através da oralidade, pois narra, conta histórias. E as narra de um “modo especial”, do “seu modo”: o “modo de contar” de D. Benta. Segundo os seus netos, “descomplica” até os compêndios de ciências ou as narrativas clássicas.

Quase sempre sentada em sua cadeira na varanda ou na sala, reunida com seus ouvintes, começa o seu “era uma vez” à sua moda... Geralmente possui um livro em mãos, mas não o lê, ao contrário, conta a história com as suas palavras, por vezes, utilizando-se de expressões utilizadas no ambiente do Sítio. Com isso, vai mediando o caminho entre a leitura solitária do livro com a narração solidária das contações. Há várias interferências, há participação, interação com os seus ouvintes. Por vezes, podemos ver seus ouvintes participando, opinando, elogiando e até criticando a história. Há o imediato retorno das idéias e questionamentos. Com isso, o contado pode ser cruzado com as experiências, costurando o sentido da própria vida. Oralidade e escrita são valorizadas: por vezes ela deixa “um convite”, uma sugestão, mas parece saber d’valiar a questão do acervo e da maturidade para uma leitura “solitária”. Talvez por isso, Benta opte pela contação de histórias como, além de um hábito de prazer, um primeiro contato com a leitura.

Vejamos, a seguir, alguns trechos da obra que ilustram o que concisamente tratamos. Para começar, veremos como Dona Benta, com apuro e sensibilidade, percebe sempre o inusitado instante de um raro momento colhido no cotidiano e abraça-o, tomando-o como ponto de partida para mais um convite à reflexão:

Assim que Pedrinho abriu a janela uma lufada de ar entrou, levando uma folha de papel de cima da mesa. Dona Benta aproveitou-se do incidente para falar do ar. – Esse vento que acaba de arejar a sala – disse ela – está nos indicando um caminho. Podemos começar o nosso estudo de hoje pelo ar. Quem sabe o que é o ar? (Lobato, Serões de Dona Benta, 1962: 10).

E ainda:

Água ainda hoje, vovó? – perguntou no dia seguinte a menina, logo que Dona Benta se sentou na sua cadeira de pernas serradas. – Não. Embora ainda haja muito a dizer sobre a água, outros assuntos nos estão chamando. E Pedrinho? – Está com Emília no jardim, tentando mover aquela pedra redonda lá da porteira. Aí vêm eles. Com certeza desistiram. Pedrinho e Emília apareceram. – Puxa! – exclamou o menino ao entrar. Nunca pensei que aquela pedra pesasse tanto. Eu e Emília pusemos tôda força e a diaba nem gemeu... *Dona Benta aproveitou-se do tema. – É por isso que o homem recorreu às fôrças da natureza e acabou escravizando-as. Viu que só com os seus músculos podia muito pouco”. (Lobato, Serões de Dona Benta, 1962: 60).

*(grifo nosso)

Isso pode ser verificado em outras obras; veremos mais um exemplo de como a contadora se aproveita de um tema a partir de uma situação criada pela vivência de uma das crianças em “Geografia de Dona Benta”:

No outro dia Pedrinho recebeu uma carta dum colega, na qual era descrita uma grande parada militar a que ele assistira. “Era soldado que não acabava mais. Dez mil! Levaram meia hora desfilando diante de minha janela.”

Dona Benta aproveitou o tema para falar da população da Terra. (LOBATO, 1957: 27).

Usando dessas “artimanhas”, a avó convida a um mergulho na história, reclamando do ouvinte um envolvimento no que é dito. Assim, pode colaborar com as experiências obtidas, por um caminho de descobertas. Todas as experiências que implicam tessitura são absorvidas de forma mais livre de imposições, sem o peso da escolarização, por exemplo. E considerando tratar-se de experiências humanas, essas podem ou não coincidir com a da criança leitora/ouvinte/receptora, ou até mesmo, se complementarem na construção de uma visão mais ampla do mundo de outrem, estando livre de amarras, em potencial para ser explorado, vivenciado. Com isso, estimula a capacidade de inquietar e de provocar indagações, reflexões, emoções nas crianças, para que elas mesmas sejam capazes de produzir as respostas, tornando visível o seu próprio mundo.

O que admiro – disse Pedrinho – é como os animais e as plantas suportam êsses excessos de calor e frio, como sobrevivem durante as terríveis sêcas, os terríveis invernos, as terríveis chuvaradas... – Eles lá se arrumam. Sabem adaptar-se. (...). As andorinhas são professôras na arte de emigrar. – Isso eu sei, porque é aqui em nosso telhado que elas se reúnem assim que o inverno dá os primeiros sinais. Reúnem-se tôdas as que moram nas redondezas e de repente, prrrrr! Lá desaparecem no espaço, para só tornarem em setembro.” (Lobato, Serões de Dona Benta, 1962: 137-138).

Ou ainda:

Se a terra fosse líquida no centro, (...) os terremotos não se transmitiriam dum lado para o outro, como acontece. Também afirmaram que se a Terra tivesse o centro líquido, já teria parado de girar há muito tempo. – Por quê? Em vez de responder Dona Benta gritou para tia Nastácia que trouxesse dois ovos, um fresco e outro cozido. Minutos depois, quando os ovos apareceram, mandou que Pedrinho os fizesse girar sôbre si mesmos, como se fôsem piões. Pedrinho foi para a mesa e viu que o ôvo fresco dava umas voltas e parava. – que coisa esquisita, vovó! Um ôvo obedece ao meu impulso e gira uma porção de tempo. O outro resiste – não há meio... Será porque está quente? – Não, meu filho. Isso acontece porque um é sólido por dentro e outro é líquido. Essa experiência mostra que se a Terra tivesse o centro líquido não giraria sôbre si mesma... Pedrinho abriu a boca e Dona Benta continuou. (Lobato, Serões de Dona Benta, 1962: 177).

As explicações de D. Benta são sempre adaptadas para ficarem mais acessíveis às crianças. Esta afirmativa se ratifica no pedido da sua neta:

-Leia da sua moda vovó! - pediu Narizinho. A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo da Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo do Brasil de hoje. (LOBATO, 1960: 199).

As crianças valorizam o modo de contar de Dona Benta, como Pedrinho, em “Serões”, (p.3) reconhece: “-Sinto uma comichão no cérebro. (...) Quero saber coisas. Quero saber tudo quanto há no mundo...” E Dona Benta responde: “-Muito fácil, meu filho. (...) A ciência está nos livros. Basta que os leia”. O menino retruca:

-Não é assim, vovó, protestou o menino. Em geral os livros de ciência falam como se o leitor já soubesse a matéria de que tratam, de maneira que a gente lê e fica na mesma. Tentei ler uma biologia que a senhora tem na estante, mas desanimei. A ciência de que gosto é a falada, a *contada pela senhora, clarinha como a água do pote, com explicações de tudo quanto a gente não sabe, pensa que sabe, ou sabe mal-e-mal”. (LOBATO, 1962: 3).

*(grifo nosso)

O “modo de contar” de Dona Benta é, para os seus ouvintes, o modo ideal, pois sua “performance” os agrada de forma a suscitar neles diferentes sensações. Em “Viagem ao céu” (1962) Pedrinho deixa isso bem claro: “Vovó conta a história de Napoleão na Rússia dum modo que até arrepia os cabelos da gente”. (LOBATO, 1962: 66).

E ainda:

Depois que Dona Benta concluiu a história do mundo contada à moda dela, (1) os meninos pediram mais.

-Mais, quê? – perguntou a boa avó. Poderia contar muitas histórias assim - história da Física, história da Química, história da Geologia, história da Geografia...

-Conte histórias de Geografia – pediu Pedrinho, que andava sonhando com viagens pelos países estrangeiros.

E Dona Benta contou a Geografia.

- Era uma vez uma grande bola – começou ela- mas ninguém sabia que essa grande bola era fosse bola. (LOBATO, 1957: 3).

*(1) História do Mundo para as crianças, vol. 4 desta série.

D. Benta utiliza-se da oralidade e da oralização. Mas ao contar, também valoriza a obra escrita, culminando na solidariedade consciência agregadora.

- Vejam, meus filhos, o que é o mundo – disse Dona Benta. Estamos exatamente no pontinho da Ásia onde já estive há séculos o velho Camões, que naquele tempo era mocinho e namorador. Aqui, aqui... Aqui escreveu êle muitos dos seus versos...

Ficou um pouco pensativa. Depois:

- Tudo morre, tudo passa, tudo desaparece levado pelo rio do Tempo – menos a obra darte. Como Camões produziu uma verdadeira obra darte, não morreu – está

sempre vivo na memória dos homens – sempre lido – sempre recordado... (Lobato, 1957: 177).

Verificaremos agora a forma como nossa contadora lida com o mito, inserindo-o e adaptando-o para o melhor entendimento e supostamente, melhor envolvimento do seu leitor.

Os gregos eram eminentemente poéticos, de modo que reduziam todos os fenômenos da natureza a mitos lindos. As constelações não escaparam à “mistificação”. Existem no céu duas estrelas de primeira grandeza, chamadas Betelgeuse e Rigel, que fazem parte da constelação da Grande Ursa, lá perto da Estrela Polar. Os gregos as explicavam por meio de um mito. Júpiter, o deus dos deuses, e também um grande pândego, apaixonara-se por Calisto, uma bela ninfa. Mas Júpiter era marido de Juno, deusa ciumenta como qualquer mulher de hoje – e Juno deliberou dar cabo de Calisto. Percebendo as más intenções da esposa e querendo defender Calisto, Júpiter transformou-a em ursa. (LOBATO, 1962: 145).

Dona Benta, através de suas contações, de maneira séria (e não rude, mas leve), apresentava enorme responsabilidade e envolvimento com os assuntos que saltavam de forma inevitável, causando uma espécie de ebulição. Com isso, era oferecida aos moradores do Sítio a oportunidade de como sujeitos, tecerem a sua história, tomando parte nela, se inscrevendo e usufruindo da satisfação de ouvir a sábia narrar e valorizar os diversos saberes. Dona Benta é uma contadora holística. Não há competição, há solidariedade. Há a valorização dos diversos saberes. Isso pode ser notado quando Pedrinho, em *Os Serões de Dona Benta*, fica extasiado diante do desenho de uma engrenagem, comparando-a a um poema, só que privilegiando a engrenagem em detrimento do outro. Vejamos: “-Que bichinho engenhoso é o homem, vovó! Estas engrenagens me parecem um verdadeiro poema. Que valem *Os Lusíadas* perto disto?” (Lobato, *Os Serões de Dona Benta*, 1962: 99). E a contadora responde: “-Você diz assim porque tem alma de engenheiro, Pedrinho. Se tivesse alma de poeta preferiria *Os Lusíadas*, embora compreenda a beleza destas engrenagens” (Ibidem).

Propositalmente, citaremos agora umas das passagens que julgamos mais propícias para terminarmos de falar desta contadora que foi inventada e imortalizada por suas contações e recorreremos à sua contação:

-Em 1910 pudemos apreciar um belíssimo: o Cometa Halley, que se torna visível para nós de 76 em 76 anos. Eu estava ali na varanda quando êle apareceu, lá dos lados do Elias Turco. O tempo conservou-se ótimo, de maneira que pude regalar-me de ver cometa. Faz 27 anos... E Dona Benta ficou pensativa, recordando. (...) – “O ano de 1986 é tempo de Cometa Halley voltar – calculou Narizinho; e como tenho 12 anos, estarei por essa época com a sua idade, vovó – e hei de ver o

cometa que a senhora viu, talvez na mesma varanda da nossa casinha...” –“Faço votos para que assim seja, minha filha. Eu é que não o verei mais. Em 1986 meu corpo estará reduzido a pó num cemitério, mas vocês provavelmente estarão vivos. Quem sabe se nessa época a minha Narizinho não estará exatamente aqui neste ponto, explicando astronomia aos seus netos, e falando de cometas, com o dedo apontado para o que vi há 27 anos? Depois de um longo silêncio Dona Benta disse algo sobre os meteoritos (Lobato, Serões de Dona Benta, 1962: 166).

Era uma vez uma contadora que está viva através de suas histórias. Um dia, esta narradora discorrendo sobre o valor do saber contou ao Coronel Teodorico: “-A riqueza que quero para os meus netos, compadre, é uma que eles possam guardar onde ninguém a furte: na cabeça.” (Lobato, Serões de Dona Benta, 1962: 203). Que possamos recorrer a suas histórias e guardá-las conosco, D. Benta.

3.2.

Tia Nastácia

Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando de um para o outro, ela deve saber. (LOBATO, 1958b : 3).

Mas as histórias continuaram. Naquele mesmo serão tia Nastácia teve de contar mais uma. (LOBATO, 1958b: 14).

Tia Nastácia é a fiel escudeira de Dona Benta e representante maior da cultura popular no Sítio do Picapau Amarelo. Tanto que um dia, Pedrinho teve um “plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite de folclore que há nela” (LOBATO, 1958b: 3). Ex-escrava, ela mora no Sítio e é quem cuida de todo o serviço doméstico, sobretudo na cozinha lugar onde ela reina soberana ao lado dos seus “quitutes”. É também uma ouvinte apaixonada das histórias de Dona Benta, por quem nutre o maior respeito e admiração. Participa dos diálogos e é ouvinte atenta: “Dali a pouco estavam todos reunidos na sala de jantar, ouvindo notícias e histórias da cidade. Tia Nastácia trouxe da cozinha a gamela de massa, para não perder uma só palavra ao mesmo tempo em que ia enrolando os bolinhos.” (LOBATO, 1960: 51). O conhecimento que Tia Nastácia carrega consigo é o vivido empiricamente, pois ela não possui o conhecimento dos livros, só a sabedoria herdada dos seus antepassados. Daí advém os remédios caseiros que ela utiliza, os temperos, os benzimentos e todo conhecimento que compartilha e faz

uso no seu cotidiano. Como nesta passagem em que ela acude Narizinho após ser ferroadada por vespas.

- Que será aquilo? – exclamou Dona Benta assustada.
- Aposto que é vespa, Sinhá! – disse tia Nastácia. Ela não sai da “fruteira” e, como nunca foi mordida, abusa. Eu vivo dizendo: “Cuidado com as vespas!” mas não adianta, Narizinho não faz caso. Agora, está aí...
E foi correndo ao pomar acudir a menina.
Encontrou-a já de volta, berrando com a língua à mostra, porque fora bem na ponta da língua que a vespa ferroteara. A negra trouxe-a para casa, botou-a no colo e disse:
- Sossegue, boba, isso não é nada. Dói mas passa. Ponha a língua para eu arrancar o ferrão. Vespa quando morde deixa o ferrão o lugar da mordedura. Bem para fora. Assim.
- Narizinho espichou meio palmo de língua e tia Nastácia, com muito custo, porque já tinha a vista fraca, pôde afinal, descobrir o ferrãozinho e arranca-lo.
- Pronto! – exclamou mostrando qualquer coisa na ponta duma pinça. Está aqui o malvado. Agora é ter paciência e esperar que a dor passe. Se fosse mordida de cachorro bravo seria muito pior... (LOBATO, 1960: 34 e 35).

Quem melhor define o saber de tia Nastácia é Emília:

Tia Nastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar meu pé quando a macela está fugindo, para lavar e passar roupa – para as mil coisas de todos os dias, é uma danada! (LOBATO, 1986: 59).

Além disso, Tia Nastácia conta lendas e mitos, fala de criaturas de outro mundo com sentimento de medo, talvez por não conhecê-las e compreendê-las e então, se benze. São criaturas como o Saci e a Mula-sem-cabeça. Retalhos de cultura popular, mantida através da oralidade e passada de geração em geração. Este tipo de saber parece ter sido reconhecido até mesmo pelas crianças do Sítio:

- As negras velhas – disse Pedrinho – são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?
Foi assim que nasceram as histórias de Tia Nastácia. (Lobato, 1958: 4).

Daí depreende-se que, através dela, os contadores antigos são homenageados em particular, pois é na sua voz que as histórias de tradição oral reaparecem vivas. A este respeito, podemos citar um livro inteirinho cujo título é “Histórias de Tia Nastácia”, embora nele perceba-se com clareza que até as crianças com apurado senso crítico questionam as histórias contadas por ela. “Nesta história há uma novidade – disse Emília, mas o fim está muito atrapalhado

e sem pé nem cabeça. Eu gosto de fantasia, mas de fantasia com pé e cabeça.” (LOBATO, 1958b: 48). Ou ainda:

- Ora até que enfim ouvi uma história que merece grau dez! – gritou Emília. Está muito bem arranjada, e sem rei dentro, nem príncipes, nem olho furado, nem burro bravo. Ótima! Meus parabéns a tia Nastácia.

- Também gostei bastante – disse Narizinho. Só que não concordo com o fim. A formiga não furta. As coisas que há no mundo são tão dela como nossas e de todos os outros animais. Por que considerar gatuninha a formiga? (LOBATO, 1958b: 93).

O senso crítico apurado dos personagens ao ouvirem as histórias de tia Nastácia, a princípio, faz parecer que Lobato privilegia a cultura letrada em detrimento da oral, o que não nos parece justo, visto que, mesmo tendo o autor escrito e transcrito muitas histórias, fez questão de mediá-las ao dar voz (ora a uma negra descendente de escravos que não teve acesso aos livros, ora a uma Senhora leitora voraz de clássicos antigos, ou ainda a outros personagens), possibilitando que estas fossem contadas. Em suma, parece-nos, antes, que ele não seccionou, mas agregou, retirando de cada um o seu melhor sumo.

3.3.

Tio Barnabé

- O tio Barnabé. Fale com ele. Negro sabido está ali! Entende de todas as feitiçarias, e de saci, de mula-sem-cabeça, de lobisomem – de tudo. (LOBATO, 1962: 184)

- Como não hei de saber de tudo, menino, se muito sabe... já tenho mais de oitenta anos? Quem muito “véve”,

- Então conte. Que é afinal de contas, o tal saci?
E o negro contou tudo direitinho. (LOBATO, 1960: 186)

Tal qual tia Nastácia, tio Barnabé é um personagem que havia sido escravo e mora num casebre nos limites das terras de Dona Benta, no sítio. O narrador em Lobato assim o descreve: “Tio Barnabé era um negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte” (LOBATO, 1960: 185). Também como ela, Barnabé é representante da cultura popular, fazendo, ambos, o contraponto com a cultura erudita e os canais entre o folclore, sobretudo o nosso.

Mais uma vez, Lobato dá voz a um contador de outro extrato social. Barnabé figura ao lado de Pedrinho numa das maiores aventuras da obra lobatiana, momento em que o menino recorre aos ensinamentos do velho a fim de capturar um saci. De antemão, ressalta-se que, Pedrinho, detentor de tanta

coragem, curva-se ao medo diante das histórias de saci, mas o seu medo não o paralisa. Antes, o faz avançar ao ponto de querer capturar o negrinho de uma perna só. Para isso, orientado por Tia Nastácia, sai à procura de Tio Barnabé para que o ajude nesta tarefa. “Pedrinho não disse nada a ninguém e foi vê-lo. Encontrou-o sentado num toco de pau, à porta de sua casinha, aquecendo sol.” (LOBATO, 1960: 185). Antes de mais nada, o menino pede que o negro conte a história do saci. “- Tio Barnabé, eu vivo querendo saber duma coisa e ninguém me conta direito. Sobre o saci. Será mesmo que existe saci?” (LOBATO, 1960: 185) E ele, com propriedade, sem titubear:

O negro deu uma risada gostosa e, depois de encher de fumo picado o velho pito, começou a falar.

- Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que “exéste”. Gente da cidade não acredita – mas “exéste”. A primeira vez que vi saci eu tinha assim a sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na Fazenda do Passo Fundo, que era do defunto Major Teotônio, pai desse Coronel Teodorico, compadre de sua avó, Dona Benta. Foi lá que vi o primeiro saci. Depois disso, quantos e quantos!... (LOBATO, 1960: 186)

E assim, Tio Barnabé conta a história de uma das lendas que mais tem povoado o imaginário do nosso folclore. Valorizando, também através da voz deste personagem, tantos contadores que a narraram...

E o negro contou tudo direitinho.

- O saci – começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a fôrça de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci, fica por toda vida senhor de um pequeno escravo. (LOBATO, 1960: 186).

Ao passo que a história vai se desenrolando, inicia-se também uma das maiores aventuras lobatianas. E mais uma vez, tudo começa com o “era uma vez” deste também contador em Lobato.

3.4.

Pedrinho

E Pedrinho? Um excelente rapaz. Muito sério, de muita confiança, menino de palavras (...) Ele é um menino que vale a pena, isso é. E bem valente. (Lobato, 1986: 59 e 60).

Filho de Antonica, neto de Dona Benta e primo de Narizinho, Pedrinho, que mora na cidade, “não podia compreender férias passadas em outro lugar que

não fosse o Sítio do Picapau Amarelo”. (LOBATO, 1962b: 169). Espera e é esperado por Narizinho e Emília para, juntos, viverem as grandes aventuras que ocorrem por lá. Aventuras como as que Lobato vivera quando criança, na fazenda do seu avô - ouvir histórias também era uma delas. Amante das histórias, ouvinte e contador, em muitos momentos podemos flagrá-lo ouvindo, contando, aprendendo e desvendando a vida através dessas histórias. Em “Viagem ao Céu”, (1962) por exemplo, Pedrinho, que é o astrônomo da turma, conta a história do cometa Biela, dentre outras:

- Sei a história do Cometa Biela, que é muito interessante. Esse Biela costumava dar o seu giro completo em 6 anos e meio, mas da vez em que passou à vista da Terra em 1846 aconteceu-lhe uma coisa extraordinária: partiu-se em dois! (LOBATO, 1960: 97).

Pedrinho transita entre o campo e a cidade, trazendo e levando histórias, desta forma, arriscamos dizer que ele poderia ser definido tal qual Benjamin como “marinheiro viajante” Era assim quando este contador-marinheiro ancorava pelo sítio: “Deitaram-se bem tarde naquela noite. Tanta coisa tinha o menino a contar, coisas da casa de Dona Antonica e da escola, que somente, às onze foram para a cama.” (LOBATO, 1960: 53).

E assim Pedrinho também vai crescendo e desenvolvendo o seu potencial e organizando seu mundo acalentado pelas histórias que ouve e conta:

-Já observei esse ponto, vovó – disse Pedrinho. Todas as histórias frisam uma coisa só – a luta entre a inteligência e a força bruta. A inteligência não tem muque mas tem uma sagacidade que no fim derruba o muque. (LOBATO, 1958b: 127).

Ouvinte apaixonado está sempre em busca de novas histórias: “-E agora, vovó? Que história vai contar? – perguntou Pedrinho.” (LOBATO, 1958b: 185). Dessa maneira, vai organizando no seu presente as possibilidades do futuro embaladas por um pseudo-pretérito, pois o tempo das histórias é o sempre.

3.5.

Narizinho

Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos. (LOBATO, 1960: 3).

Lúcia Encerrabodes de Oliveira, mais conhecida como Narizinho, ou ainda “a menina do nariz arrebitado” é a neta de Dona Benta. Ela é moradora do Sítio. É

a prima de Pedrinho. Sua amiga inseparável é a Emília – uma boneca de pano que ganhara de Tia Nastácia e feita por ela mesma. Narizinho é questionadora, demonstra curiosidade por vários assuntos e isto pode ser percebido através de suas brincadeiras. É também amável e dócil, embora por vezes defenda o seu ponto de vista de maneira segura, mostrando-se também a frente do seu tempo. Mas a menina possui certos padrões da época: é “prendada”. Dedicase a aprender as coisas do lar, como cozinhar e costurar, além de estar sempre com a sua boneca – brinquedo típico das meninas da sociedade da época que pode ser compreendido simbolicamente como aquela que dará continuidade aos ofícios da natureza humana de ser mãe.

Tal qual Alice (aquela menina do “País das Maravilhas”) Narizinho vive muitas aventuras. Lobato, que foi leitor de Lewis Carrol, pode ter tido como referencial a obra prima à qual nos referimos para a criação da sua personagem. É isto que sugere a teórica Nelly Novaes Coelho:

A primeira versão de A Menina do Narizinho Arrebitado mostra que seu ponto de partida foi a invenção de Lewis Carroll, quando em 1862 escreve Alice no País das Maravilhas. Tal qual Alice, que brincando no jardim, está quase adormecendo quando vê passar um coelho vestido consultando um relógio, e ao persegui-lo entra em uma toca que a leva ao ‘país das maravilhas’, também Lúcia de Lobato já ia adormecendo à beira do regato, no sítio da avó, quando sente cócegas no nariz e ali vê um peixinho e um gafanhoto, muito bem vestidos e conversando... e acaba por seguir o peixinho-príncipe, entrando no maravilhoso Reino das Águas Claras. Ambas as personagens (a de Carrol e a de Lobato), ao final, voltam para a realidade comum, no momento em que acordam: tudo não passara de um sonho...(COELHO, 1995: 851)

Narizinho é ouvinte e contadora de histórias também. Histórias do seu mundo e a de outros mundos como esta do Reino das Águas Claras. Dois de seus grandes ouvintes são Emília (companheira das conversas que compartilham já na cama, antes de dormir) e Pedrinho, que, ávido por saber das novidades, encontra na prima uma de suas contadoras favoritas. Foi o que sucedeu em uma das muitas férias que o menino passar no sítio. Logo após a sua chegada, e depois de ele mesmo ter contado as suas histórias, a avó o libera para saber das que Narizinho guardou para o momento do encontro com o primo. É do que trata o trecho em que os ouvintes suplicavam a Pedrinho narrar mais fatos: “- Está bem – disse Dona Benta logo que soube das principais novidades. Pode ir brincar com Narizinho, que tem um mundo de coisas a contar.” (Lobato, 1960: 52).

Nesta outra passagem, podemos observar o entusiasmo da menina para ouvir uma das muitas histórias narradas na obra lobatiana. Desta vez, ela intima ao Gato Félix que lhe conte a sua história.

Chegou, botou o gato no colo e disse:

- Você tem que me contar a sua vida inteirinha, sabe?
- Pois não – respondeu o gato. Mas só sei contar histórias de noite. De dia perdem a graça.
- Neste caso, vá dar um passeio e quando fôr de noite esteja aqui. (LOBATO, 1960: 145).

Narizinho também demonstra criticidade a partir de suas experiências como ouvinte de histórias: “ – E o castigo dos maus, ajuntou Narizinho, também é sempre o mesmo: amarração em cauda de cavalo ou burro bravo. Acho muito bárbaras essas histórias” (LOBATO, 1958b: 84).

Há outras passagens em que a menina conta. Nesta, há uma contação conjunta com a Emília. O ouvinte é o Barba Azul (personagem principal de um famoso conto de Charles Perrault). “Narizinho e Emília aproveitaram a ocasião para lhe contar toda a história do falso gato Félix, que se impingiu como o seu cinquentaneto.” (LOBATO, 1960: 184).

Com as suas histórias, Narizinho também dialogou com muitos leitores que, como ela, estavam sequiosos por conhecerem o mundo e experimentar o que se tem nele. Dentre essas experiências, está a de compartilhar uma história e isso, Narizinho sabia fazer.

3.6.

Emília

Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomoda-la numa redinha entre dois pés de cadeira. (LOBATO, 1960: 3).

Assim terminou Emília a sua historinha, inventada por ela mesma, sem auxílio de ninguém, nem tirada de nenhum livro. Todos bateram palmas e Dona Benta cochichou para a negra:

- Boa razão tem você de dizer que o mundo está perdido! Pois não é que essa boneca aprendeu a contar história que nem uma gente grande? (LOBATO, 1960: 164)

Emília talvez seja a personagem mais querida do universo lobatiano e também a mais conhecida. Tudo isso por conta das suas “emilices” que percorreram o mundo. Como Lobato bebeu de muitas fontes, arriscamos dizer que

tal qual a Alice de Carrol, Emília nasce num contexto bem parecido com o de Pinocchio, de Carlos Lorenzini, o Collodi. O boneco de Collodi nascera de um pedaço de pau, sem forma. Emília nasce também de maneira “improvisada” e de retalhos, com “olhos de retrós preto” e chega a ser comparada a uma bruxa de tão feia. Contudo, ao longo da narrativa, ela é a personagem que mais sofreu modificações e ganhou espaço e projeção. Fato que nem mesmo o seu criador confessara esperar. Vide carta registrada em A Barca de Gleyre (2º tomo):

Quando, ao escrever a história de Narizinho, lá naquele escritório da rua Boa Vista, me caiu do bico da pena uma boneca muito feia e muda, em longe estava eu de supor que iria ser o germe da encantadora Rainha Mab do meu outono. (LOBATO, 1956: 350).

Mas acontecera e, ao que tudo indica o grande diferencial para esta mudança fora a aquisição da sua voz. Emília até então era muda, mas após a sua ida, em companhia de Narizinho, ao Reino das Águas Claras, fora atendida pelo Doutor Caramujo que a fizera engolir a “pílula falante”. Como num milagre, a boneca começa a falar e a “ganhar o mundo”. De antemão percebe-se mais uma vez, o quanto Lobato valorizara a oralidade:

Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa disse foi: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!” E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. (LOBATO, 1960: 27)

E ao que nos parece, de tão satisfeita, não queria mais parar de falar:

- Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno...

A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental.

- Que é, Sinhá? – perguntou.

- A boneca de Narizinho está falando!...

A boa negra deu uma risada gostosa, com a beicaria inteira.

- Impossível, Sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê.

- Mangando o seu nariz! – gritou Emília furiosa. Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o Doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?

A negra abriu a maior boca do mundo. (LOBATO, 1960: 30)

Desde então, Emília começara a “falar pelos cotovelos”, tendo seu espaço garantido nas contações. Adora ouvir histórias:

Dona Benta era outra que achava muita graça nas maluquices da boneca. Todas as noites punha-a ao colo para lhe contar histórias. Porque não havia no mundo quem gostasse mais de história do que a boneca. Vivia pedindo que lhe contassem a história de tudo... (LOBATO, 1960: 32)

*grifo nosso

Adora contar histórias inventadas, quase inventariadas por ela na sua marca registrada de contar:

Fazia um sol quente e parado. Nas árvores, um ou outro tico-tico só; e no chão, só formiguinhas ruivas. Para matar o tempo a menina pôs-se a observar o corre-corre delas, esquecendo a briga com a boneca.

- Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena a gente não entender o que dizem...

- A gente é modo de dizer – replicou Emília – porque eu entendo muito bem o que elas dizem.

- Sêrio, Emília?

- Sêrio, sim, Narizinho. Entendo muito bem e, se você ficar aqui comigo, contarei todas as historinhas que elas conversam. Repare... (LOBATO, 1960: 43 e 44)

E a boneca ia contando... Criando... E envolvendo Narizinho na história de forma a retirar da menina algumas intervenções em formas de expressões, interrogações. E não parou por aí... Porque como uma história puxa a outra ou a mesma, eis o que aconteceu com esta:

Isso, foi de dia. De noite a história das formigas continuou. Narizinho e Emília dormiam juntas na mesma cama. A rêde armada entre pés de cadeira fora abandonada desde que a boneca aprendeu a falar. Dormiam juntas para conversar até que o sono viesse. (LOBATO, 1960: 45).

O grande reconhecimento de Emília como uma das grandes contadoras do Sítio vem da maior contadora deste lugar, Dona Benta. Esta passagem pode ser verificada em “Reinações de Narizinho” (1960): “Enquanto isso Emília pensou, pensou e inventou a historinha que ia contar de noite. Quando chegou a noite e tia Nastácia acendeu o lampião e disse “É hora!”, a boneca entrou na sala, muito escadinha para trás, toda cheia de si” (LOBATO, 1960: 159). E ao terminar a história, o reconhecimento por parte da maior contadora:

Assim terminou Emília a sua historinha, inventada por ela mesma, sem auxílio de ninguém, nem tirada de nenhum livro. Todos bateram palmas e Dona Benta cochichou para a negra:

- Boa razão tem você de dizer que o mundo esta perdido! Pois não é que essa boneca aprendeu a contar história que nem uma gente grande? (LOBATO, 1960: 164).

Narizinho também aprovou: “A história que você contou está muito boa e merece grau dez.” (LOBATO, 1960: 164). Não resta dúvida, a partir daí que Emília era também uma grande contadora no Sítio de Dona Benta e, conseqüentemente, no universo lobatiano, quem sabe, afinando em mais uma tentativa, a sua própria voz:

Literatura é voz e Emília foi a minha voz. O meu arranco, o meu espanto e será a minha despedida. Dei meus gritos através dela me salvando da loucura e de tantos

aborrecimentos, Emília sempre esteve comigo, filha amada e zombateira, minha boneca de pano contra as burrices do mundo e contra a ‘estupidez humana’ (LOBATO, in DANTAS, 1973: 115)

Herdeira de Lobato, de Dona Benta, amiga de La Fontain, Esopo, Xerazade e outros grandes contadores, ao terminar mais uma das suas histórias, Emília “toda ganjenta” com os elogios vai para cama, como todos os outros personagens, obedecendo à Dona Benta “- Vamos dormir, criançada – disse Dona Benta – e amanhã quem vai contar uma história é o Visconde.” É sobre ele que falaremos.

3.7.

Visconde de Sabugosa

Já o Visconde de Sabugosa é um raté. Tentou várias evoluções e sempre “regrediu” ao que substancialmente é: um sábio. Um sábio é coisa cômoda, espécie de microfone: não tem, não precisa ter personalidade muito bem definida. Todos os esforços que o visconde fez para mudar de personalidade falharam – e hoje resigno-me a vê-lo como começou: um “sabinho” que sabe tudo. (LOBATO, 1956: 343)

A epígrafe escolhida parece contradizer a presença do personagem neste capítulo que pretende reunir as diversas vozes de contadores do Sítio, mas ao contrário, visa a ratificar o desejo de construção de um veio através da contação, até mesmo na voz de um sábio que se deixou “embolorar” pelo excesso de conhecimento científico, adquirido nos livros da biblioteca de Dona Benta e que representará simbolicamente, em toda obra, o conhecimento científico.

Visconde parece predestinado a nascer sério e artificial demais, apesar de nascer da brincadeira entre as crianças. Fora criado a partir da idéia de Narizinho de convencer Emília a casar-se com Rabicó, que supostamente, viria de uma linhagem real:

Depressa, Pedrinho! Arranje-me um bom Visconde de sabugo, bem respeitável, de cartola na cabeça e um sinal de coroa na testa, e venha com ele pedir Emília em casamento. Enganei-a que Rabicó é filho desse visconde, o qual é um grande rei de um reino lá atrás do morro. (LOBATO, 1960: 83).

Não tardou para que o personagem fosse criado:

Pedrinho fez como Lúcia pediu. Arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito em de barba, botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo – e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa do rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha e lá foi com ele à casa da boneca. (LOBATO, 1960: 83)

Assim nasce o Visconde. Aliás, o título parece fazer referência e reverência ao avô de Lobato, o Visconde de Tremembé, por quem o autor revelou grande admiração, mas também travou grandes discussões por conta de diferenças de opiniões, o que não o isenta de assegurar seu lugar nas memórias de infância de Lobato. “Talvez seja a razão de Lobato, atar e ressuscitar tantas vezes o herói-sabugo?” (Penteado, 1997: 212).

Visconde participa das contações de histórias do Sítio. É ouvinte, mas o seu discurso empolado acaba por dificultar as suas tentativas de contar histórias, mas ele as contou “Logo que a noite caiu, tia Nastácia acendeu o lampião da sala e disse: “É hora, gente!” Todos foram aparecendo e cada qual se sentou no lugar de costume. O último a vir foi o Visconde.” (LOBATO, 1960: 167). Logo que a história começa, percebe-se que Visconde não se desvencilhou de suas características de orador de um sério discurso:

- Meus senhores e minhas senhoras!
- O gato Félix espremeu uma risada irônica.
- Isso nunca foi história, Senhor Visconde! Isso chama-se discurso e muito bom discurso. (LOBATO, 1960: 168)

Além disso, a sua história nasce de uma experiência, a que ele mesmo define como “estudos científicos”:

- Em seguida, o Visconde recomeçou:
- Meus senhores e senhoras! A história que vou contar não foi lida em livro nenhum, mas é o resultado de longas e cuidadosas deduções matemáticas. Passei duas noites em claro compondo a minha história e espero que todos lhe dêem valor.
- Muito bem! – exclamou Narizinho. Mas desembuche de uma vez.
- Era uma vez um gato – começou o Visconde. (LOBATO, 1960: 169).

Ao final, todos deram “bravos!”. Demonstra-se assim, que Lobato deu voz de contador até mesmo ao Visconde, que apesar de “meio sem jeito” reuniu os ouvintes para ouvirem uma história.

3.8.

Contadores Visitantes

Prezadíssima Senhora Dona Encerrabodes de Oliveira:
Saudações. Tem esta por fim comunicar – a V. Excia. Que nós, os habitantes do Mundo-da-Fábula, não agüentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das

mais sem graça. Aí é que é o bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa – se a senhora der licença, está claro... (LOBATO, 1958a: .5).

Se Pedrinho é contador-marinheiro, ele o é “de primeira viagem” se comparado aos demais visitantes que transitaram no Sítio. Ao longo de toda narrativa, percebe-se contadores-marinheiros e, o melhor exemplo que se tem disso está em “O Picapau Amarelo” quando muitos personagens de outras histórias mudam-se para as terras de Dona Benta, onde podem contar, por eles mesmos, as suas grandes aventuras.

Neste trecho, tem-se um panorama destes contadores:

As condições foram aceitas, e passada uma semana começou a mudança dos personagens do Mundo-da-Fábula para as Terras Novas de Dona Benta. O Pequeno Polegar veio puxando a fila. Logo depois, Branca-de-Neve com os sete anões. E as Princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha. E o Príncipe Codadade, com Aladino, a Xarazada, os gênios e o pessoal todo das “Mil-e-Uma-Noites.” E veio a Menina da Capinha Vermelha. E veio a Gata Borracheira. E vieram Peter Pan com os Meninos Perdidos da “Terra-do-Nunca”, mais o Capitão Gancho com o crocodilo atrás e todos os piratas; e a famosa Alice do “País-das-Maravilhas”; e o Senhor de La Fontaine em companhia de Esopo, acompanhados de todas as suas fábulas; e Barba Azul com o facão de matar mulher; e o Barão de Munchausen com as suas famosas espingardas de pederneira; e os personagens todos dos contos de Andersen e Grimm. Também veio D. Quixote acompanhado de Roncinante e do gordo escudeiro Sancho Pança. (LOBATO, 1958a: 19).

Com a chegada deles e de outros contadores, como os da mitologia grega, por exemplo, inicia-se uma série de contações destes agora quase-visitantes. Algumas, iniciadas por outras histórias, como foi o caso de D. Quixote.

Lá na varanda D. Quixote conversava com Dona Benta sobre as aventuras, e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr mundo; escrita por um tal de Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse os dois enormes volumes da edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré. O fidalgo folheou o livro muito atento às gravuras, que achou ótimas, porém falsas.

- Isto não passa duma mistificação! – protestou ele. Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou – espetei aquele lá. (LOBATO, 1958a: 34 e 35).

D. Quixote não foi o único a contar, por ele mesmo, a sua história: “Lá no castelo de Branca-de-Neve os meninos ouviam a história da galante princesinha contada por ela mesma.” (LOBATO, 1958a: 49). Outro que contou a sua história foi o herói grego Belerofonte, os meninos não fizeram cerimônia ao pedir-lhe que lhes contasse sua história. Afinal de contas, não era todo dia que tinham diante de si tão famoso contador: “ – Mas conte a sua história, herói – insistiu Emília. Como foi que venceu e apagou o fogo da Quimera? Belerofonte sorriu da pergunta e

contou.” (LOBATO, 1958a: 67). E tanto contaram que contaram também suas histórias umas aos outros: “Dom Quixote e Belerofonte estavam conversando sobre suas façanhas. O Capitão Gancho ouvia, embezerrado.” (LOBATO, 1958a: 100). Belerofonte foi o primeiro a falar: “O herói grego declarou que sua façanha era uma só, e isso porque fora uma tão grande que depois dela qualquer outra ficaria pequenininha.” (LOBATO, 1958a: 100). O cavaleiro não se conteve: “D. Quixote tomou a palavra. – Pois a minha vida, senhor, correu bem ao contrário da sua. Já perdi a conta das façanhas que pratiquei. Combati gigantes terríveis, e exércitos – mas o maldito mágico Freston sempre me roubou a maior das glórias.” (LOBATO, 1958a: 101).

Até mesmo os personagens históricos tiveram sua vez de contadores na obra lobatiana. É o que mostra uma passagem de “A reforma da Natureza”:

Os grandes ditadores e os outros chefes da Europa nada sabiam do Sítio. Admiraram-se daquelas palavras e pediram informações. O Duque de Windsor começou a contar, desde o começo, as famosas brincadeiras de Narizinho, Pedrinho e Emília no Picapau Amarelo. O interesse foi tanto que pouco depois todos aqueles homens estavam sentados no chão, em redor do Duque, ouvindo as histórias e lembrando-se com saudades do bom tempo em que haviam sido crianças e, em vez de matar gente com canhões e bombas, brincavam na maior alegria de “esconde-esconde” e “chicote-queimado.” Comoveram-se e aprovaram a proposta do rei Carol. (LOBATO, 1958: 195).

Em outras obras, percebe-se a presença de personagens que passaram por lá e assumiram o ofício de contador, por algum momento. Até os santos contam. Numa conversa de “Viagem ao Céu” (1962) Emília pede a São Jorge que conte:

-E o senhor? – quis saber Emília depois que tudo foi explicado. – Agora que sabe a nossa história, conte-nos a sua. São Jorge contou que nascera Príncipe da Capadócia e tivera uma vida muito agitada. (...) (Lobato, 1962: 48)

Mas o santo não parou por aí...

Depois que Emília parou de asneirar, São Jorge pôs-se a dizer onde ficavam as terras conquistadas pelos romanos do seu tempo. Mostrou tudo, até o lugarzinho onde era a sua Capadócia e o ponto onde existiu Cartago, a república africana rival de Roma e por esta destruída depois de várias guerras. E contou tantas histórias do tempo de Dioclesiano que as crianças, já cansadas, adormeceram. (Lobato, 1962: 68).

O Anjinho também contou a sua história após o pedido de Emília, que, juntamente com os outros personagens o encontraram na viagem que fizeram ao céu: “Nossa história é essa. Agora conte-nos a sua. Depois de olhar muito assustado para a menina e o burro, o anjinho falou.” (LOBATO, 1958a: 114).

Os moradores de Vênus contaram e o Gato Félix também contou e tantos outros... O que nos leva a crer que em Lobato, de alguma forma, todos contam. Tamanho privilégio que os contadores obtiveram na obra lobatiana, tanto que, por inúmeras vezes o verbo contar impera, nascendo dele a senha para tantas histórias que permearam a obra sob diferentes vozes.